



Uma crônica fantástica

Mariana Vilela Leitão^[1]

RESUMO: Dada a inevitabilidade de alguns encontros (d)esestruturantes com as crianças, as mesmas convocam uma desintegração de nós mesmos, abrindo-nos ao novo. Essa crônica, em forma de ensaio, busca trazer uma lufada da rica vivência e aporte teórico durante a experiência vivida na disciplina Arte, Ciência e Tecnologia, desenvolvida no LABJOR/UNICAMP. Buscamos caminhar ora como escuridão, ora como vaga-lume, atuar ora como veneno, ora como remédio. Certamente o segredo está na dosagem. O que a mãe não vê? À medida em que ela é conduzida pelo seu devir-criança, abre-se uma nova possibilidade de visão. Somos a mãe, a criança? Ou somos ambos?

PALAVRAS-CHAVE: Devir-criança. Remédio. Dosagem.

A fantastic chronicle

ABSTRACT: Given the inevitability of some (d)estructuring meetings with children, they call for a disintegration of ourselves, opening us to the new. This chronicle, in the form of an essay, seeks to bring a breath of rich experience and theoretical contribution during the experience lived in the discipline Art, Science and Technology, developed at LABJOR/UNICAMP. We seek to walk sometimes as darkness, sometimes as firefly, sometimes as poison, sometimes as medicine. Certainly the secret is in the dosage. What doesn't the mother see? As she is led by her child-derivative, a new possibility of vision opens up. Are we the mother, the child? Or are we both?

KEYWORDS: Devir-child. Medicine. Dosage.

Ela, a mãe, parou perplexa diante do choro imanente de seu infante. O que ela não estava vendo, que se mostrara tão claro aos olhinhos de seu filho? Agachou-se, e na mesma altura os olhos se encontraram, os dela ainda surpresos e, os dele, inundados. Convidou-o a pegar um a um os objetos que outrora havia disposto em rica composição: pau, pedras e planta. O dorso da mão esquerda limpou o catarro que lhe escorria do nariz e com os dedinhos da outra mão começou a reorganizar novamente os elementos, só que agora diferente. Diferente?

A criança como instrumento (im)preciso de um sempre devir, que torna manifestante a vida em pulso de movimento, contrária à reprodutibilidade e em direção ao acaso. O acaso submetido às forças do caos criativo.

- Mãe, você não vê nada aqui?

- Nada mesmo... a não ser pau, pedras e planta, porque tudo o que é, eu vejo, meu filho. Sim, ela via na concretude do cotidiano a lógica da existência para a subsistência.



Madrugava todos os dias, mesmo aos fins de semana, trabalhava num supermercado 24h, saía de casa ainda noite, deixava a mesa posta, o café passado. O dia inteiro ela transitava pelas gôndolas da loja e via os produtos em falta para fazer novos pedidos, conferir o estoque e remanejar itens que eram devolvidos, uns estragados e outros com defeito. No fim do expediente saía apressada, pegava condução lotada, chegava em casa com a cabeça na janta, ainda para preparar, e tantas outras demandas da casa. A casa era seu refúgio, abrigo de suas pálidas lembranças. Morava naquela casa desde seus tenros cinco anos. Já havia corrido muito por aquela sala, quartos e corredores. A mesa que agora era depositária do inventário do filho já fora morada de sonhos e imaginações, gostava de se deitar em baixo dela com seu travesseiro e, quando coberta, abria seu território mágico para recriação de novos mundos.

Ela fixou os olhos novamente na composição que o filho havia cuidadosamente recriado, um pequeno pau curvo, da goiabeira do quintal, em cima da brita cinza da rua, do lado direito a pedra lisa de seixo amarrada com linha amarela na folha grande de bananeira. O marrom do mogno emoldurava o grande relicário.

Entre o fio tênue do passado e o presente, o material inerte começou a chamar-lhe atenção. Não sabia dizer se era o efeito do choro imanente do filho ou o zunido do ônibus, que ainda insistia em permanecer na sua cabeça e estava deixando-a maluca, mas o inanimado dos objetos a sua frente começou a apresentar-se animado de forças, um dinamismo interno fez daquela composição uma realidade viva. As nervuras do galho pareciam linhas vinda da linha amarela, a folha de bananeira a asa de um ser alado, que agora conseguia enxergar.

Seria isso que seu filho estava vendo?

Lembrou-se de quando era criança, com sua cesta de vime e bota sete léguas ia para a floresta - na verdade um pequeno bosque com poucas espécies nativas, no final da sua rua - e ficava horas recolhendo miudezas que lhe chamavam a atenção, passava horas nessa tarefa de catação. Em casa fazia a catalogação, como não sabia escrever fluente, separava o material em caixas coloridas. Amarela para pedras, verde para plantas, azul para pequenos insetos e vermelha para todos os outros. Onde havia guardados suas caixinhas? Não lembrava mais. Assim como estava se dando conta que havia também perdido, nos recônditos da alma, sua criança. Talvez ela pudesse estar no cantinho escuro do porão lotado de inutilidades, ou sabe-se lá onde.



Ela, a mãe, era agora filha de seu filho e o deixou conduzi-la por seus subterrâneos escuros, ele vaga-lume, ela escuridão. Ele o ser alado, ela o mogno. À medida que desciam, árvores começaram aparecer, a princípio as de pequeno porte, mas logo adentraram em floresta robusta, paus-ferro, jequitibás, jatobás, ipês e sibipirunas. Olhava para o chão e a serapilheira era espessa, muitos bichinhos moviam-se, tentando escapar, grilos e besouros por todo lado. Ela, escuridão, avançava pra dentro da mata fechada, sentia o vento delicado das asinhas do vaga-lume, ele pulsava dançando luz, luz insistência, resistência, pingando o caminho.

Seu corpo amorfo era pura intensidade volátil, atravessado pelas forças do combate, da desordem, da lei, do sagrado e do jogo do tempo. Ela era o transbordante de seu corpo. Deixara-se acontecer. Veneno e remédio ao mesmo tempo. A escuridão que traz serenidade, quietude e silêncio é a escuridão que dá medo e paralisa.

Certamente o segredo está na dosagem.

Era preciso deixar nascer conexões improváveis e com isto aprender a florestar-se no celeiro vivo da natureza. Tudo era floresta. Tudo é floresta. Sentiu a réstia de sol, do caminho aberto à frente. Expandiu-se em corpo ar, vento, brisa, água, lama e rio, labareda, fogo e queimada. Tudo virou luz. Fingiu que era não sendo. É.

Vi, meu filho, eu vi vendo. Mamãe estava enganada. Tudo o que não é ela pode ver também. O corpo é o espírito agora!

Refêrencias

DIDI-HUBERMAN, G. **Sobrevivência dos Vaga-Lumes**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011.

LINS, D. Heráclito ou a invenção do devir. In: LINS, Daniel (Org.) **O devir criança do pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

Recebido em: 30/06/2020

Aceito em: 30/07/2020



^[1] Artista multimídia: tem o corpo, a linha e a escultura social como foco de pesquisa. Graduada em Letras Português\Espanhol. E-mail: nnavl@gmail.com